



## **QUANDO AS UTOPIAS PODEM SE TORNAR REALIDADE**

Mário Augusto Jakobskin

O assassinato do repórter cinematográfico da TV Bandeirantes Santiago Andrade, ocorrida em uma manifestação no Rio de Janeiro deixou não só a família como todo o Brasil de luto. Foi uma morte que poderia ser evitada se o profissional de imprensa estivesse com equipamento de segurança adequado para coberturas em áreas de risco. Mesmo antes da tragédia, durante negociações salariais da categoria dos jornalistas no Município do Rio de Janeiro, os representantes dos empresários midiáticos se recusaram a aceitar uma cláusula prevendo a garantia das empresas em fornecer equipamentos de segurança para os repórteres nas coberturas jornalísticas, inclusive nas manifestações populares que se seguiam quase ininterruptamente desde junho de 2013.

Esse fato lamentável, denunciado pela presidenta do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, Paula Mairán, foi ignorado no noticiário sobre o assassinato de Santiago. Salvo nos boletins do referido sindicato.

É importante que os jornalistas e a sociedade brasileira, bem como no exterior de um modo geral tomem conhecimento de fatos dessa natureza, geralmente omitidos pela mídia hegemônica que detém o controle da informação no Brasil.

É preciso dar um imediato freio nessa manipulação midiática grosseira que tem por objetivo impedir as manifestações populares e, ainda, incutir nas pessoas a aplicação de uma legislação restritiva às mobilizações.

Nesse sentido, é fundamental que os sindicatos de jornalistas de todo o país,



juntamente com a Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj) se empenhem para que de fato no Brasil se democratize os meios de comunicação.

### **Se a mídia fosse democratizada**

Se o espaço midiático eletrônico fosse melhor distribuído, digamos com 33% do espectro dividido para a iniciativa privada, pública e estatal, e com garantia para canais da cidadania, como almejam os movimentos sociais empenhados nas mobilizações por uma mídia democratizada, os brasileiros teriam certamente mais opções para se informar e não estariam sujeitos, como agora, à manipulação da informação praticada pelas grandes empresas de comunicação.

O assassinato do repórter cinematográfico da Rede Bandeirantes, Santiago Andrade, deve servir também de reflexão para todos os brasileiros. Não se pode admitir que os meios de comunicação hegemônicos, corporativo ou de mercado, seja qual for a designação apresentada, continue divulgando informações com o claro objetivo de incutir na opinião pública valores conservadores e de criminalização dos movimentos sociais.

Exemplo nesse sentido foi dado pelas Organizações Globo, que no seu noticiário, impresso e eletrônico, tentou mais uma vez incriminar um dos mais importantes movimentos sociais da atualidade, não só no Brasil, mas também no mundo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), equiparando-o aos chamados black blocs, um grupo de ação tática que nada tem a ver com os trabalhadores rurais que lutam pela reforma agrária.

Outros exemplos da manipulação dos acontecimentos divulgados pelos veículos de comunicação que integram, a nível nacional, as Organizações Globo poderiam ser mencionados, o que provavelmente daria mais amplitude à contrainformação existente atualmente no Brasil. Convém salientar que as Organizações Globo



exercem papel hegemônico no noticiário reproduzido pelos demais veículos regionais em todos os estados brasileiros, e mais ainda, dando amplitude ao noticiário produzido pelas grandes agências de notícias internacionais controladas pelo grande capital financeiro.

### **Nas manifestações populares que ocorrem em todo**

o país, o tema mídia ganhou maiores espaços, o que preocupa sobremaneira os proprietários dos grandes veículos de comunicação, os mesmos que criminalizam os movimentos sociais.

Além de condenar com veemência a violência que vem tomando conta das legítimas manifestações populares, seja ela por parte do Estado e de responsabilidade de quem tem voz de comando, seja por grupos minoritários que até facilitam a ação de agentes infiltrados para provocar a própria violência, é necessário também refletir sobre algumas questões vinculadas aos fatos mencionados.

### **Retrocesso de 1964**

Neste ano de 2014, que em abril completou 50 anos do retrocesso político resultante do golpe que derrubou o presidente constitucional João Goulart, novamente a mídia nacional, capitaneada pelas Organizações Globo, tem cumprido um papel que muitas vezes deixa de ser jornalístico para se tornar divulgador de notícias de interesse do grande capital nacional e internacional, hoje altamente concentrado e ao mesmo tempo conservador, pois mantém uma política econômica de total dependência ao capital globalizado. Embora o Brasil, hoje, seja um país diferente de 50 anos atrás, na área da mídia repete-se o fenômeno da manipulação da informação em proveito de setores corporativos que historicamente sempre temeram a organização popular.



Neste 2014, ano em que inúmeras entidades, inclusive da área sindical dos jornalistas e de outras categorias profissionais, além das Comissões da Verdade investigam fatos ocorridos em períodos de retrocesso institucional, como em abril de 64 e demais anos de vigência de uma ditadura empresarial-militar, vale repetir, é importante também que se faça uma reflexão profunda sobre qual tem sido o papel dos órgãos de comunicação neste contexto.

Feita a reflexão, é importante também, para melhor entendimento dos dias atuais, torna-se oportuno tentar criar mecanismos para enfrentar essa situação adversa para o processo de aprofundamento da democracia no Brasil.

### **União dos comunicadores**

Para isso, sugerimos que todos os sindicatos de jornalistas, juntamente com a Federação Nacional de Jornalistas e outras entidades preocupadas com a questão da mídia, entre as quais a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) se unam no sentido de ocupar espaços, não só na mídia impressa, como também no espectro eletromagnético. Espaços, diga-se de passagem, de caráter nacional e não somente restrito à categoria.

Em outras palavras, que se tenha como norte a partir de agora a criação de um jornal, de um canal de televisão e de uma emissora de rádio para informar a categoria de jornalistas e demais segmentos da população.

Não se trata mais de uma utopia. E mesmo se, com vontade política muitas utopias desembocaram em formas concretas de realização. A história inclusive está repleta de exemplos de sonhos como esse.

Deve-se então sugerir a criação imediata de um Grupo de Trabalho que tenha por objetivo viabilizar essa sugestão. O GT terá também a incumbência de estudar a



melhor forma de se conseguir, junto ao Estado brasileiro, um canal de televisão, uma estação de rádio. E ainda programar e viabilizar a edição conjunta de um jornal de caráter nacional.

Se for conseguida tal meta, e isso só será possível se os comunicadores estiverem unidos, deixando de lado eventuais divergências políticas, sem deixar de honrar princípios, com este exemplo, de alguma forma se estará contribuindo para pelo menos tentar romper o impasse do atual quadro restritivo e manipulador que se assiste nos dias atuais nas mídias convencionais.

Vale repetir, não se trata de uma utopia, mas um pensar grande que pode ser alcançado se houver vontade política.

Naturalmente, tais sugestões também fortalecem o importante ideário da democratização dos meios de comunicação, que, claro, remete à questão da regulação da mídia eletrônica.

É mais do que urgente tornar efetiva essas propostas para dessa forma fazer avançar o processo democrático. Até porque, democracia na verdadeira acepção da palavra só existe quando todos os setores sociais tenham vez e voz em pé de igualdade. O que não acontece no Brasil, exatamente pelo fato de os grandes meios de comunicação encontram-se ancorados no grande capital nacional em parceria com internacional, em oposição ao direito à informação e de expressão, um dos princípios fundamentais para a formação da cidadania e afirmação dos princípios democráticos, afirmados na própria constituição brasileira.



## **BIBLIOGRAFÍA**

Mário Augusto Jakobskind. Jornalista e escritor. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 16/10/1943. Após ter concluído o curso de História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), ingressou no jornalismo. Atuou como repórter em diversas redações do Rio de Janeiro, São Paulo, e também do exterior. Foi editor em língua portuguesa da revista Prisma, publicação mensal da agência Prensa Latina; correspondente na América Latina da agência de notícias Cono Sur Press, então com sede em Malmö, Suécia; e redator na agência France Press. Atuou também como repórter da Folha de S.Paulo (sucursal Rio); colaborador de O Pasquim; redator e editor no Rio de Janeiro da revista Versus, a primeira publicação de caráter latino-americano do Brasil; e editor de Internacional do jornal Tribuna da Imprensa (Rio).

Jakobskind é um veterano profissional também barrado das redações da mídia-mercado. Mas continua na ativa: é correspondente no Brasil do jornal Brecha, do Uruguai ([www.brecha.com.uy](http://www.brecha.com.uy)), colaborador do Observatório da Imprensa ([www.observatorio.daimprensa.com.br](http://www.observatorio.daimprensa.com.br)), e do Direto da Redação ([www.diretoda.daredacao.com](http://www.diretoda.daredacao.com)), e colaborador em diversos órgãos da imprensa sindical como O Jornalista, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio de Janeiro (SJPERJ), do qual é membro da atual diretoria, e mantém a coluna “Reflexões da Semana”, no site do Sindicato dos Cirurgiões-Dentistas do Rio de Janeiro ([www.scdjrj.org.br](http://www.scdjrj.org.br)), além de integrar o Conselho Editorial do jornal Brasil de Fato. Atualmente é conselheiro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e integra a Comissão de Defesa da Liberdade de Imprensa e dos Direitos Humanos da mesma entidade. Também é um dos integrantes do Conselho Curador da Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

Em outubro de 2009, foi agraciado pela Prefeitura de Montevideú com o título de

Visitante Ilustre, em desagravo à expulsão daquele país ocorrida em setembro de 1981 pela ditadura da época e ainda pelo reconhecimento pela ajuda prestada a refugiados políticos uruguaios no período da ditadura de 1973 a 1984. A expulsão se deu com base em informações prestadas pelos órgãos de informação da ditadura brasileira, segundo o próprio jornalista que pôde constatar pelo tipo de perguntas formuladas pelos agentes uruguaios nos interrogatórios, o que foi confirmado em seus habeas data.

### **OBRAS PUBLICADAS**

*A hora do terceiro mundo.* (1982). Rio de Janeiro: Achiamé.

*América Latina – histórias de dominação e libertação.* (1985). Campinas, Papirus.

*América que não está na mídia.* Rio, de Janeiro, ADIA, 2006, v. 1; e

Altadena, v. 2, 2009.

*Cuba – apesar do bloqueio, um repórter carioca em Cuba.* Montevideo / Rio de Janeiro: Cono Sur, em espanhol; Ato Editorial, em português, 1985.

*Cuba, apesar do bloqueio,* (2ª ed). (2011). Rio de Janeiro, Booklink.

*Cuba, 50 años de revolución.* Montevideo, Tropicana, 2009).

*Dossiê Tim Lopes – Fantástico/Ibope.* (2004). Rio de Janeiro, Europa.

*Iugoslávia – laboratório de uma nova ordem mundial.* (1999). Rio de Janeiro: Novos Ideais, 1999.

*Líbia, barrados na fronteira – o que não saiu na mídia sobre a invasão da Líbia* (2011). Rio de Janeiro: Booklink.

*Parla!* (Rio de Janeiro, Booklink, 2002).



*Violência, política & corrupção.* (1978), Rio de Janeiro, Opção, coautor.